

Estudo de Cena- O vídeo fica em torno da cena. Provavelmente vai se chamar, Estudo de cena: O Capital e a religião, e vai se concentrar na cena 8 de Santa Joana dos Matadouros. Serão variações desta mesma cena, o próximo passo é entender como gravar estas variações, mas na verdade as variações da cena terão um caráter minimalista enquanto linguagem de vídeo, não serão recortadas, de modo a ir mostrando os diversos pontos de vista da cena, mas a cada versão contribuir para a leitura da cena e também discutir a questão do vídeo. Será um média metragem, com 4 versões, cada uma com 25 minutos. E a ideia é que a câmera vá circulando as versões e circulando a cena, utilizando a ideia da ciranda em torno do capital como a cena fala, a transação do dinheiro e a câmera gira em torno. Dentro do processo estamos discutindo nas reuniões teóricas e encontros, falamos com o Sérgio de Carvalho, que citou o Roberto Schwartz. Conversamos com o Schwartz, que citou você e nós achamos uma tríade boa de conversa: Sérgio, Schwartz e Iná.

Iná Camargo Costa: Vamos ver se é, eu sempre tenho dúvidas.

EC: Nós lemos o seu texto (Sinta o Drama) e uma pergunta que abriu as outras conversas, algo que a gente se pergunta, pensando na peça em si, como olhar para esta peça hoje. O Brecht discute sobre capitalismo, mas o capitalismo teve transformações de 1930 pra hoje, 2005, muita coisa mudou...

INÁ: E muita não mudou.

EC: Isso, estamos ouvindo dos três. O que para você continua e o que perdeu a atualidade? E como redimensionar este olhar na crítica da estrutura capitalista?

INÁ: No macro acho que não perdeu nada porque o assunto da peça tal como eu leio é a crise de super produção e isto continua sendo motor da especulação, falando de maneira meio selvagem. E acho que a peça trata exatamente destes pontos, a saber: a produção do desemprego em massa, tenho impressão que é de uma atualidade estúpida. A produção de desemprego ela mesma já é expressão da crise de superprodução, porque você não tem como escoar os seus produtos, os trabalhadores que vendem sua força de trabalho para produzir estes produtos vão para a rua. Eu tenho impressão que começa assim o Santa Joana. Ora, quando acontece isto, já apontando em direção a cena 8, a religião assume a sua função. E nós estamos vendo, principalmente aqui em São Paulo, a funcionalidade extra que não está aí (no texto) neste caso talvez atualizar, porque virou um dos melhores negócios, a religião hoje. Eu estou falando da Universal do reino de deus, a Renascer em cristo, a Universal já tem um canal de televisão, a Renascer muito em breve vai conseguir e tantas outras que se multiplicam justamente porque descobriram uma maneira de explorar ainda mais os excluídos oferecendo, no caso das novas versões religiosas, a possibilidade de enriquecimento rápido e como isso funciona para algumas pessoas, porque é sempre assim, essa é a verossimilhança do funcionamento do capital: para algumas pessoas dá certo. Então, ouvimos aqueles depoimentos “eu vendi a minha casa, meu carro, me comprometo a pagar o dízimo e para isso eu me sacrifico” e aí o cara enriquece. O que não aparece para as pessoas é que o que eles chamam de enriquecer está muito longe de ser o real enriquecimento, nenhum adepto da Universal vai virar um Bill Gates. (6’00) Porque Bill Gates sim enriqueceu graças aos investimentos do departamento de Estado e todas as empresas que se viabilizaram através da internet, que foi uma espécie de saída da crise anterior, todas se beneficiaram de pesados investimentos do Estado americano, o que não aparece para os admiradores do Bill Gates e o próprio também não conta como foi o start para se tornar, como ouvi dizer, “o homem mais líquido do mundo”. Ele talvez seria uma espécie de Bocarra, mas certamente ele não perderia tempo com uma Joana hoje. Aliás eu acho que daria um anti-Bocarra interessante, porque o Bill Gates hoje não investe em ações. Voltando a atualidade da peça, ela observa as pessoas perdidas e desorientadas, porque o único que não está perdido é o Bocarra, como sempre e isto já está no Capital, porque o processo de produção capitalista produz aparências e olhando as aparências ninguém entende onde está, o que está fazendo, as pessoas perdem todos os referenciais inclusive esse que é o da verossimilhança da expectativa de sucesso dentro do capitalismo. Então o empregado, vamos pensar nos executivos, os sócios do Bocarra eles pensam que estão surfando na onda certa, mas eles estão enganados. Nesse sentido a peça é muito interessante, porque de todos eles ali só o Bocarra e porque ele tem informantes na bolsa de valores que por sua vez tem informações

exclusivas no funcionamento do Estado. Porque para sair daquela crise que eles estão vivendo precisou do Estado americano abrir mercado tanto no plano do fornecimento de animais, quanto no plano do escoamento dos produtos encaçados. Então eu disse que quando Brecht escreveu este texto ele tinha conseguido atinar com a (09'00") estrutura básica do capital tal como ele leu no Capital, ele não deixa escapar nenhum elemento e por ter feito isso a peça continua perfeitamente atual, mas seguramente no capítulo relação capital e a religião, a religião virou também um negócio, de quinta categoria, é certo, mas é um negócio. Há uma funcionalidade adicional na extração de mais-valia absoluta por parte das igrejas como negócio.

EC: No caso as evangélicas?

INA: As evangélicas. Nós sabemos, igrejas como a católica perdem fieis no atacado, justamente porque a igreja católica não é, do ponto de vista da relação com os fiéis, ela não estimula este tipo de coisa, digamos que é indiferente. A participação da igreja católica como instituição é perfeitamente bem informada, é só vocês verem as historias sobre o banco do Vaticano, o papel da Opus Day, o braço americano da Opus Day é o que dá a informação privilegiada para os investimentos do Vaticano, então funciona direitinho, sabe perfeitamente o que tem que fazer. Mas a igreja não estimula o comportamento de tipo empreendedor que é a novidade introduzida pelas igrejas Pentecostais. No tempo do Brecht o suprassumo, isto é a última manifestação religiosa, era mesmo o Exército da Salvação. Neste sentido nós temos um desenvolvimento progressista, do ponto de vista capitalista, incluindo a questão da funcionalidade, da atividade religiosa como negócio, porque se você prestar atenção tá na peça e o Exército da Salvação ali, década de 1920, 1930 é uma coisa recente. Vocês devem ter ido atrás do Bernard Shaw, quando escreveu o Major Barbara, texto do qual sai a peça do Brecht. Era uma novidade na Inglaterra, e é uma delícia Major Bárbara por isso mesmo a polêmica do pai dela dono de uma indústria bélica. (12'00") Ele vende arma para árabes e outros, para a Inglaterra e para o Afeganistão, porque a guerra da Inglaterra no Afeganistão estava na ordem do dia, para você ver como o mundo não mudou tanto quanto gostariam os ideólogos do progresso. Então o problema era o Afeganistão e o fabricante de armas na peça do Bernard Shaw. "Ora, eu tenho que fazer negócios, eu não posso ter preferencias."

EC: É como o pai no filme "Machuca" que vende as duas bandeirinhas.

INÁ: Então! Como organização religiosa e intervenção, no sentido de apaziguar os desesperados os jogados fora pelo processo de revolução no modo de produção, que fim do século XIX começo do XX é o fim das pequenas empresas, pequenas fábricas e a criação de grandes empresas. Por exemplo, a indústria do aço americana que fornece basicamente para a indústria bélica, como todo mundo sabe. Pois bem, o Bernard Shaw e depois o Brecht, estão de olho nisso e neste processo de revolução interna dentro do capitalismo de desenvolvimento das forças produtivas, reorganização, se produz até, mais ou menos o fim dos anos 1910 desempregados a perder de vista. A gente pode, alguns mais enlouquecidos, eu tendo a ter simpatia por isso, pode pensar que a primeira guerra mundial, entre outros objetivos secundários, tinha interesse em reduzir o número de pessoas no território europeu. A gente sabe que tinham outros objetivos estratégicos importantes, mas a carnificina que se produziu na Europa eu acho que teve alguma coisa a ver com este excesso de contingente no exército de reserva, exército industrial de reserva. Enfim, de qualquer maneira a quantidade de desempregados na década de 1910 e de 1920, que é o período que Brecht está olhando, viu o surgimento no final do século XIX e a expansão desta organização, o Exército da Salvação que nem sei se é originalmente, Inglesa (3'00") ou americana, mas é uma das duas.

EC: Você tem essa análise desta correlação do desenvolvimento da igreja evangélica aqui no Brasil. Será que este é um fenômeno brasileiro ou mundial?

INÁ: O surgimento das igrejas pentecostais é a nossa novidade. É mundial o fenômeno, as primeiras manifestações do pentecostalismo são norte-americanas e desde o início já vinculadas a existência da mídia, televisão e outros meios, uma mixórdia de tradição protestante. Isto é fundamental, se a gente não entender que o que está por trás é o protestantismo. O que define o pentecostalismo em oposição ao protestantismo é a ideia surgida com Lutero que é o direito de interpretação pessoal da Bíblia, sem obedecer a Igreja Católica Romana, foi em nome disso, entre

outras coisas, que Lutero rompeu e outros romperam. Então, a partir daí surgem, aí é só ver Max Weber também, tem uma funcionalidade o protestantismo porque tem uma série de vetos ao comportamento moral, ético da Igreja Católica, vai pro lixo então eles estimulam, então é no âmbito das igrejas protestantes que a ideia de sucesso econômico corresponder a bênção de deus. Você se empenha em ser bem sucedido nos negócios para que as pessoas vejam que você é abençoado, isto está no calvinismo, no luteranismo e nas outras. Mas comparando com a igreja católica são religiões e organizações extremamente descentes, extremamente sérias, em comparação ao catolicismo. De qualquer maneira elas mesmas tem um processo de formação dos pastores e tudo, escolas de teologia, então mesmo reivindicando a liberdade de interpretação da bíblia, não havendo uma ortodoxia (18'00") existe uma exigência de formação com a qual os pentecostais rompem. Então qualquer um que se sinta tomado pelo espírito santo ou que outra entidade lhe resolva, abre lá a bíblia e acha um texto e pode dizer o que bem entender. Se vocês já prestaram atenção em programas de igrejas como a universal tem uma rede de apoio a pobres e coisa e tal, eles tem uma sede ali na Barra Funda. Mas resumindo, você não precisa mais ter formação criteriosa de estudos bíblicos para se sentir inspirado, o que vem primeiro é a inspiração e é isto que define o pentecostalismo original que veio para o Brasil na década de 1950. O passo seguinte que está produzindo, é um fenômeno hoje, é que aqui no Brasil esta hipótese de que você ser pentecostal, você é iluminado pelo espírito santo, e você lendo a bíblia já tem uma mensagem a transmitir para os fieis, mistura com as nossas tradições de umbanda, candomblé e tudo, então você tem sessões de descarrego, é uma loucura porque misturou tudo. Porque combina a ideia da iluminação direta do espírito santo mais essa coisa de achar que baixa espírito. Então aqui no Brasil realmente é um fenômeno notável que tem já como herança da tradição protestante essa convicção de que se você tem sucesso nos negócios você é um abençoado. Ela estimula a luta de todos contra todos pelo enriquecimento. Isto é o elemento que as vertentes pentecostais (21'00") herdaram de todas as denominações protestantes históricas. E neste sentido o Exército da Salvação ainda está ligado à uma ala do protestantismo, não é pentecostal. Eu conheço pessoalmente, aqui em São Paulo militantes do Exército da Salvação, distribuem tirinhas com salmos, para vocês verem que perto da pentecostal o Exército da Salvação é progressista. É complicado esse negócio de religião como experiência e depois como negócio, é aquilo que vocês viram no Bernard Shaw e aqui na Joana: eles vão lá pedir para os ricos darem dinheiro e eles dão porque reconhecem a funcionalidade.

EC: Isso que você fala está bem caracterizado na peça, mas acho que principalmente na figura do Snaider. A Joana nas discussões que a gente teve muitas vezes esbarra, pensando em transpor para a realidade, na figura das pessoas ligadas as ONGs que se aproximam de movimentos...

INÁ: Eu acho que é uma boa ideia! Porque todo mundo sabe que ONG ou tira dinheiro do Estado para administrar pobres e excluídos, ou tira dinheiro diretamente do BIRD, porque você sabe ONG é um programa do Banco Mundial.

EC: Nesse sentido quando você coloca no seu texto que ela não serve para o movimento dos trabalhadores porque ela busca essa conciliação, então além do elemento da religião que talvez seja um problema, porque essas religiões acabam assumidamente ficando longe dos movimentos populares, as pentecostais e protestantes...

INÁ: Olha é mais complicado que isso, eu posso contar do que eu já ouvi. (24'00") No Brasil nós não temos nenhum movimento social que se compare ao MST, pois bem, essas religiões atuam dentro do MST para destruir, é claro nos acampamentos, porque eles conhecem a regra, você só vai ser parte de um assentamento se você participar da ocupação e da defesa do acampamento. Isto é participar de uma ocupação. Pois eles mandam os seus pastores para as ocupações e depois produzem estragos inimagináveis nos assentamentos. Porque daí a pregação do sucesso individual, é tudo contra o projeto geral do MST, porque o MST não sendo socialista no sentido forte ele investe nas relações solidárias, no coletivo, o próprio assentamento, apesar da legislação teria ideia de ir organizando coletivamente, inclusive de maneira alternativa ao mercado. Não é por acaso que eles são adeptos do Fórum Social Mundial, eles acreditam que um outro mundo é possível basicamente rompendo com a produção do mercado, fetichismo da mercadoria e alienação do trabalho: 1, e 2 apostando, em termos de organização social, em solidariedade. Os militantes das várias religiões ficam pregando o cada um por si, o sucesso individual e o coletivo só no culto, para estimular a atitude radicalmente adepta do capitalismo. Então isto é um problema muito sério que o MST enfrenta e discute como neutralizar. Com um detalhe, a intolerância que os caracteriza em relação, por

exemplo, a adeptos do candomblé. É uma coisa infernal porque eles se prevalecem na tolerância religiosa que define (27'00") o MST para produzir intolerância.

EC: Pensando na peça, na Joana, não seria como estes pastores. Não sei se eles não são conscientes.

INÁ: Assim como a Joana também é. Ela não tem uma consciência decorrente de estudos estratégicos e tal. Mas a consciência religiosa é em si mesma uma consciência de luta, e aí você pode ir lá pra antes de Cristo, é uma consciência que envolve uma perspectiva de luta e arrebanhamento. A palavra não está sendo usada inocentemente, é arrebanhamento, isto é transformar as pessoas em seu rebanho. Você arrebanha para impedir que essas pessoas participem do que pode ser um inimigo muito forte, enfim. Então, a militância numa organização religiosa desde o começo é assim. Claro que eu estou me beneficiando, por exemplo, das observações do Hegel a esse respeito. O Hegel, simplificando, diz que liberdade e religião são incompatíveis. A religião é, por definição, inimiga da liberdade a começar pela liberdade de pensamento, porque ela tem que ser dogmática.

EC: Por isso que quando a gente tenta aproximar a Joana do terceiro setor, que talvez seja uma novidade hoje do capitalismo, de 80 pra cá, 25 anos dessa estrutura, a gente aproxima porque no terceiro setor tem essa ligação com o capital, se fala em empreendedorismo juvenil...

INÁ: E com estratégia definida pelo Banco Mundial. O Banco Mundial não ia definir um programa de apoio a organizações de esquerda.

EC: Pensando no que você fala o terceiro setor arrebanha e diz que uma maneira de se organizar é se juntar com as empresas privadas e tirar o jovem, que é uma faixa etária que em potencial poderia lutar, tira de uma possibilidade de resistência e atrela ao capital privado.

INÁ: Isso. Aí vira o simulacro da militância,(3'00") aliás Trabalho Voluntário: é o simulacro da militância

EC: O que a gente se coloca é isso, em ONG tem pessoas, por exemplo eu trabalho em ONG por questão financeira, tem pessoas que acreditam que isso é uma saída, mas ingenuamente, e tem pessoas que são neoliberais mesmo então a gente resvala nisso, se a Joana é uma ingênua que acredita ou se ela tem a má fé...

INÁ: Não é má fé, é convicção profunda que já vem lá de traz. Aliás acho que tem um estudinho do Brecht sobre o que é a Joana nos escritos sobre teatro que vale a pena dar uma ruminada, ele trata exatamente deste ponto, não se trata de discutir se ela tem ou não má fé, trata-se de entender que ela é expressão do comportamento religioso que o das ONGs também é. É religioso neste sentido: você adere, compra o pacote e passa a tirar as consequências do pacote que você comprou sem nenhuma reflexão.

EC: AO contrário do Bocarra, que tem consciência de tudo.

INÁ: O Bocarra. Os Bocarras de hoje: O Bill Gates, o atual presidente do Banco Mundial, o cara do FMI, a Condoleza Rice, eles sabem o que estão fazendo. O pessoal lá em volta do Bush, todos eles ligados a grandes empreendimentos bélicos, eles não elegeram o Bush para brincar. Eles sabem perfeitamente o que estão fazendo. Não é o caso da Joana como não é o caso das ONGs, eles não sabem que são funcionais a serviço desses interesses que os ultrapassam.

EC: O que não a inocenta de seu papel histórico.

INÁ: Não há inocência. No mundo desde que o capitalismo existiu e mais claramente desde a Revolução Francesa a ninguém mais é dado o direito de não saber o que está fazendo. Por isso que eu gosto dos gaúchos, meus amigos gaúchos dizem assim: "O Guri que aos 15 anos não sabe quem é a turma dele tá liquidado. Tu tem que saber quem é tua turma, cara."

EC: Voltando as turmas então você coloca o Bocarra como esses grandes poderosos, mais que o dono de uma empresa.

INÁ: Mas não tenha dúvida. Ele recebe notícias (33'00") privilegiadas diretamente da bolsa de Nova Iorque. Então ele é da peça o que mais sabe. Ele sabe tudo, tem as informações, que é a outra questão que se coloca em desafio aquele que pretende ser de esquerda. Porque a peça está criticando a esquerda que não vê nada do que está acontecendo.

EC: Então uma pergunta que surgiu nas duas outras entrevistas e surge agora. Queria que você falasse sobre o medo do Bocarra de ver o pobre, que ele fica sempre apavorado, se é isso, por que?

INÁ: Isso quem explica melhor é o Roberto, porque ele entende mais de tradição alemã que eu. Porque a gente não pode esquecer que o Bocarra é uma composição sofisticadíssima. Ele diz textos de Schiller, quer dizer são ingredientes da tradição alemã de constituição desde lá os romances de formação que dão nesse burguês excepcional, digamos assim. Mas eu pessoalmente desconfio que o Bocarra tenha um pouco desse medo, esse pavor, tenha mais a ver com esse pavor da revolução do que muito pobre representa. Eu acho que tá mais para isso. Mas a elaboração textual é coisa mesmo de pesquisa do Brecht. Essa é a praia do Roberto, vocês leram o ensaio dele, dá pra ver o quanto a gente não entende lendo o texto porque é ignorância minha. Se você não conhecer muito bem a literatura alemã desde o século XVIII você não atina com as gozações que o Brecht tá fazendo na figura do Bocarra. O discurso do Bocarra tá cheio de citação e referencia.

EC: A gente discutiu um pouco do porque que ele perde tempo com a Joana.

INÁ: Porque a Joana é funcional para os interesses dele.

EC: Não necessariamente ela, ele poderia fazer como faz depois que ela vai embora, e tratar direto com quem manda. Então a gente levanta algumas coisas de que rola alguma coisa sexual...

INÁ: Eu acho que é gozação do Brecht, pode ser da parte dela, porque do lado dele eu duvido. Assim, ele tem tanto interesse sexual nela quanto é verdadeiro (3'00") aquele sentimento humanístico que ele invoca quando morre o bezerro. "Aqueles olhinhos..." e coisa e tal. Aí acho que tem que ver tudo isso junto. Da parte do Bocarra não dá para se enganar agora que a Joana se engana inclusive em relação a ele não tem a menor dúvida.

EC: Você acha que o Bocarra vê nela uma líder em potencial, ou ele vê claramente que ela é uma confusa...

INÁ: Tá mais para maluquinha. Eu não vou te dar uma resposta, eu vou te dar dicas. A Joana sai do Major Bárbara e o Bocarra em parte é o pai da Major Bárbara do Bernard Shaw, então se dermos uma lida no Major Bárbara você vai ver que tem de saída uma convicção de que ela não vai muito longe. Agora ela é a Santa Joana, isto é tem toda a tradição das histórias da Joana Dark. Então o Brecht fez uma fusão aqui na figura da Joana e a Joana Dark de fato liderou um exército, mas no que deu? E porque que ela, a Joana histórica se ferrou do jeito que se ferrou? Primeiro porque acreditou no discurso dos que ela pensava que eram aliados, nós sabemos que ela foi para a fogueira por interesse das pessoas que ela defendeu. Ora quando ele batiza essa aqui de Santa Joana ele tá puxando estas informações, isto é eu prefiro juntar todas essas figurinhas para entender a relação Bocarra-Joana, a pensar deles próprios como criações. Porque no caso do Brecht a gente sabe que ele não cria personagens no sentido dramático, pelo contrário ele explora contradições. E as contradições no caso do Bocarra e da Joana provém também destes materiais literários que ele foi empilhando e fazendo funcionar, porque não é uma mera superposição de informações, ele faz funcionar. E em que funciona? (39'00") Nas relações e nos confrontos, o Brecht é dialético, o que é que a gente vai fazer?

EC: O Bocarra fala: "eu dou o dinheiro, mas saiba com que fim foi dado"

Iná: Como quem diz: "Não se engane a respeito disso aqui."

EC: Sim, mas ele fala todo aquele texto e no fim tem uma fala: "Portanto Bocarra a cada tanto, sai da cama e vai ver quem está na neve!" Uma tiração de sarro...

INÁ: Sem dúvida! Se vocês leram meu texto vocês viram. Por exemplo a santificação é uma operação patrocinada pelo capital, executada pela imprensa. Em muitos casos eles não leem nem as rubricas e como muita informação passa longe da cena, você pode acabar interpretando parcialmente, comprando um pacote um pouco bichado... Isso acontece mesmo comigo que me esforço muito para incluir as informações, digamos visuais. Às vezes uma convicção fortemente solidificada, eu vou lá ler a peça e digo "Cara, olha! Ele saiu por aqui, esta saída implica isso, aquilo e aquilo outro." Porque por mais que a gente leia o Brecht teórico a gente esquece da recomendação relativa ao gestus. Gestus quer dizer composição de cena, atitude na hora que entra, na hora que sai e como você se dirige e o que mais tem na cena além do que o personagem falando põe. Não tenho dúvida que o personagem falando funciona mais ou menos como esqueleto, mas o resto também conta e faz diferença.

EC: Um pouco do nosso último ensaio. E o nosso primeiro estudo teórico foi o Benjamim...

INÁ: Eu acho que esse é o caminho. Acho que este é o estudo. Aquele ensaio do Benjamim, no qual ele fala em como configurar uma família burguesa, como um ninho de inimigos permanentemente deflagrados. Então este gesto cênico, você pode pegar um texto "maravilhosinho", da tradição do drama, se você fizer esta cena que desmente o que o personagem tá dizendo, você atina com o que o Brecht quer da cena.

EC: Neste sentido a gente conta com mais um elemento, que é a câmera, que vão ser estas versões, uma versão tem um lado, a outra já tem outro.

INÁ: E tem uma outra coisa, no caso de textos como os de Brecht, não dá pra ter certeza sobre quem está certo, porque de repente os dois estão certos. Não dá para ter muita garantia de qual é a melhor leitura. Porque se você entender minimamente já é uma boa leitura, essa é a principal vantagem do Brecht. Um entendimento raso e linear já dá pano pra manga. Agora imagina se você fizer uma leitura complexa (42'00") como foi, por exemplo a da Companhia do Latão.

EC: Esse pode ser um caminho do vídeo, as cenas irem trazendo as versões, apontando um caminho, depois outro.

INÁ: Isso! Aliás isto é uma coisa que eu tenho fascinação: A mesma cena feita X,Y, Z e apresentar 3 maneiras de fazer. Eu acho isso muito legal porque o Brecht permite isso.

EC: Uma coisa que a gente vem pensando, escolhemos esta cena porque trabalha com dois personagens, e aí o desafio é não mostrar os indivíduos, mostrar o que eles representam socialmente, neste sentido a gente vem discutindo, talvez com o gestus. Mas uma questão que pega é algo que o Roberto traz, que é assim, o Brecht está dialogando com a tradição alemã e o aproxima talvez com o público europeu, alemão. Como enxergar Santa Joana e até o Brecht, dialogando com a tradição brasileira? Como misturar questões brasileiras? Não sei se é importante ao se falar de Brecht...

INÁ: Olha, eu acho que quanto mais consciente a coisa for, melhor. Porque mesmo que você não tenha consciência você está dialogando com a herança e tradição brasileira ao montar o Brecht. Então se você souber a cada momento, o que da tradição teatral da tradição literária e outra do Brasil, a sua proposta está evocando, assim é que você vai avançar. Então a resposta é a seguinte, mesmo que você não pense nisso você já está fazendo. Primeiro que o texto está em português, já começa pela sintaxe. Se você pegar a tradução que é do Roberto, ele foi buscar na literatura brasileira o equivalente dos dós de peito do Bocarra. Tem um trabalho infernal de tradução que traz para o texto em português a experiência literária brasileira. Vocês que tem formação de artes cênicas, o que foi a formação de vocês se não lidar com o que é a experiência brasileira com as artes cênicas, teatro e cinema. Então fazer o Brecht em português é, necessariamente, tratar disto. Você vai tratar consciente, ou inconscientemente. Se for consciente e se você souber o que você está fazendo, a cena vai ganhar. (45'00") Então não é que seja uma proposta, isto é uma coisa que acontece. Porque veja, o oposto disto seria um grupo de alunos do instituto Goeth, fazer o Brecht em alemão. Mas eu acho que para além da questão alemã, temos a questão europeia, católica, porque Santa Joana, foi a santa canonizada em 23 se não me engano. Tem uma história da igreja católica aí. E Brecht vem de uma família meio protestante, meio católica, então ele está ligado nas vicissitudes dos católicos também neste contexto. Nos

debates políticos dos católicos que produziram ação católica na França, eu não conheço a versão alemã disto. Mas aqui no Brasil a Opus Day é a herdeira deste processo que está por trás da canonização da Santa Joana. Joana Dark é santa por causa destas coisas, pois bem no ato o Bernard Shaw escreve a peça dele. Ele não escreveu só Major Barbara, que é da virada do século, ele escreveu também uma Santa Joana. O que eu quero dizer é que para além do material alemão o Brecht está lidando com material europeu, cifrado através do episódio Joana Dark e da dramaturgia do Bernard Shaw. Sem nos esquecer que o local da cena é Chicago. Ele foi acusado de falar do que não sabia. Ninguém conhecia mais o que se passava nos Estados Unidos, máfia, especulação, comodites, bolsa, etc, do que o Brecht.

EC: E este dado é importantíssimo para a peça, tem que se passar em Chicago...

INÁ: É em Chicago! Porque é onde tem a bolsa de mercadorias, que decide da fome mundial de hora em hora. Continua, vocês sabem é só abrir o jornal.

EC: Outra questão que extrapola é a contribuição de uma obra de arte. O Schwartz falou um pouco disto, eu estava estudando uma produtora de cinema em 1930, 1931, na República de Weimar, onde o Brecht fez o filme dele, e falava que um filme revolucionário tem que apresentar uma perspectiva revolucionária.

INÁ: Divirjo!

EC: Sim, não basta só desnaturalizar a coisa, mostrar como que está, tem que apresentar uma perspectiva. No caso da Prometeus, que era a produtora, eles não conseguiram, porque quando se tentava mostrar uma perspectiva virava pregação, ficava planfetério...

INÁ: Não que eu seja contra o panfleto na arte, não que eu seja contra o agit-prop e as várias produções vinculadas ao partido e as manifestações. Eu apenas cobro de quem faz o vínculo, a minha pergunta para o artista é: em que medida você como artista ajuda a elaborar essa perspectiva. Então, para dar exemplos do meu coração, os artistas americanos que faziam teatro de agit-prop, eles eram militantes do partido comunista. Eram militantes da WW uma organização anarquista e faziam música, peças, esquetes defendendo o que tivesse na ordem do dia. Eu acho isso com total legitimidade, é arte também. Agora, o que o Brecht não tinha como ilusão era a possibilidade dele, Bertolt Brecht, que não era militante nem do partido socialista, nem do partido comunista, de ser capaz de formular uma perspectiva. Até porque ele tinha pé atrás tanto com a estratégia da social democracia, quanto com a estratégia do partido comunista. Alguns biógrafos, historiadores do Brecht dizem que em 29 ele não tinha mais ilusão nem quanto ao futuro apontado pela social democracia (que seria a transição normal, o mundo ia acabar virando socialista, devagarinho), não acreditava nisso. E também não acreditava mais no discurso e nem nas táticas de organização do partido comunista, isso em 29. Isso você vê nas peças didáticas do Brecht. Então para um artista na circunstância do Brecht, cobrar um (51'00") caminho é não entender o que ele está fazendo. Porque o que ele está fazendo é ou peça para ser apresentada em teatro normal, bilheteria, mercadoria, com total consciência do que está fazendo. E aqui você pode dizer no máximo é profundamente crítico. Ou então peças de agit-prop, só que como ele já tinha questionamentos, ele puxava o tapete do que ele estava fazendo. No filme Kule Wamp ele participa de um acampamento organizado pelos comunistas mostrando como que os comunistas esvaziam a luta dos trabalhadores. O aburguesamento dos comunistas ali é uma coisa inacreditável, é isso que ele mostra no filme. Quer dizer é uma maravilha o cara não pode ser mais espírito de porco, porque é um filme por assim dizer encomendado pelo partido comunista. É por isso que ele era um cara em quem não se pode confiar. Porque ele não ia, ainda que convidado, conchavado pelo KPD, não ia expor os slogans que ele não acreditava. Tem essa questão. Porque se ele acreditasse em alguma palavra de ordem eu não tenho dúvida que ele escreveria uma pecinha, qualquer coisa. Acontece que não apareceu a circunstância em que ele pudesse ser propositivo, então, no caso do Brecht, não tem cabimento cobrar a apresentação de uma perspectiva, porque o que ele faz é criticar o que está posto, inclusive aqueles que apresentam perspectivas. Isto é o que eu vejo como um todo nas coisas dele. Agora outros artistas fizeram e em graus variados, fizeram bobagem, porcaria, coisas geniais, como em qualquer outra circunstância. Então eu não desqualifico nenhuma produção porque está fazendo propaganda, assim como não desqualifico a que não faz. O critério tem que ser outro. Agora propaganda mal feita você tem que cair de pau mesmo. O problema nosso, aqui no

Brasil é a ignorância sobre todas essas coisas. Por exemplo, os grupos de agit-prop da Alemanha com os quais Brecht convivia, debatia, era amigo dos caras. Eles debatiam entre si, produziam panfletos para discutir técnicas, no que vai dar isso. (54'00") Tem um que eu acho uma maravilha, chama Maxx Valentin, um dos maiores militantes e teóricos do teatro de propaganda alemã. Ele conta a história de uma peça que ele, o grupo dele fez, os social democratas viram, mudaram três ou quatro palavras e roubaram a peça. Os nazistas viram a peça social democrata e fizeram a peça. Ele conclui que uma peça de agit-prop comunista que possa ser apropriada pelos nazistas ela não presta. O cara, maior militante de agit-prop do teatro alemão. A gente não sabe dessas coisas, então nossa discussão é muito prejudicada pela nossa ignorância.

EC: Ignorância que é construída também. Pensando nessa condição nossa, do povo brasileiro. As pessoas pobres e ricas sabem tem um pouco mais de consciência de que o Estado em que estão é uma construção do homem, acho que está mais visível talvez, escândalos políticos, etc... Mas muitas vezes encaram como "é assim mesmo, não tem como mudar" Como mostrar que as condições são mutáveis? Parece que cada vez está mais difícil enxergar uma mudança.

INÁ: Disso eu só não concordo com a percepção de que não é natural, pelo contrário eu acho que o discurso ideológico conservador está cada vez mais empenhado em convencer as pessoas de que o mercado é o estado natural da organização da sociedade e tal. Justamente porque a experiência mostra que não é, ou não pode ser, natural. Então eu acho que é possível sim mostrar o caráter não natural da organização de mercado com todos os valores que ela implica. E este eu acho que é um trabalho que não é edificante mas é anti-edificante e nesse sentido vai corresponder a uma das exigências do Adorno, a obra de arte deve se preservar do empenho de ser edificante, porque obra de arte edificante é a da burguesia: (57'00") Modelos de histórias de sucesso para você imitar.

EC: Pra mim na verdade tem sim quem não vê o mundo como natural, mas pensando no terceiro setor não se fala isso é natural, isso é o destino, se assume.

INÁ: Mas para eles é o fim da história, o mercado foi a coisa máxima que a humanidade produziu. É essa a mitologia que tem que ser desmentida.

EC: Parece que está dado: é uma construção do homem, é um estado de injustiça, mas fazer o que? Deus proverá. Vou jogar na mão de deus. Aí a coisa fica sem estranhamento, toma-se como natural que o homem construiu este estado de coisas.

INÁ: Eu já ouvi isso de gente que pensa que é de esquerda, social democrata evidentemente, "a humanidade ainda não foi capaz de imaginar uma alternativa melhor do que o mercado, "porque as alternativas do socialismo, fora o nosso social democrata que aderiu ao mercado, mas comunismo..., a história já mostrou que deu errado". Que essa sim pode ser uma crítica construtiva. Precisa mostrar o que deu errado e como deu errado. Porque não é que deu errado porque fatalmente estava condenado, é resultado de vários tipos de conflito a começar pela maneira como o desenvolvimento do mundo socialista (socialismo real) foi monitorado pelo grande capital. Depois da NEP, guerra civil: o partido comunista soviético viu que estava enredado de uma maneira tal na regra do grande capital que nunca mais viu como sair, esse que é o fato. Estou simplificando, mas esta é uma questão que deve ser repostada para o social democrata.